NOÇÃO DE INCULTURAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA MISSÃO EVANGELIZADORA DO POVO DE DEUS NO PENSAMENTO DE JOSÉ COMBLIN

Anderson Frezzato[1]

Resumo
O Concílio Vaticano II é um dos acontecimentos mais importantes na história no século XX. Nele foram tratados muitos temas, especialmente a Igreja compreendida como Povo de Deus. A eclesiologia centrada na ideia de que a Igreja é formada por diversas comunidades de fé cada qual com sua cultura ofereceu condições para que se pudesse colocar em análise e crítica o processo de inculturação do Evangelho nas realidades dos povos. Este trabalho tem por objetivo mostrar a noção de inculturação e a sua importância para a missão evangelizadora no pensamento do teólogo belga, radicado no Brasil, José Comblin. Tal teólogo foi um dos que mais se dedicou ao aprofundamento da eclesiologia do Povo de Deus e sua contribuição é assaz importante para a leitura dos sinais dos tempos em que a Igreja está imersa. Para tanto, revisitaremos suas obras, especificamente aquelas que fazem alusão à temática da inculturação e sua implicação na ação evangelizadora da Igreja.
Palavras-chave: José Comblin. Inculturação. Povo de Deus.

INTRODUÇÃO

A inculturação do Evangelho é um processo vital para a missão evangelizadora uma vez que permite que a mensagem cristã seja vivenciada de forma autêntica frente as mais diversas culturas ao redor do mundo. A Igreja Católica longo dos séculos e e atualmente influenciada pelas assertivas do Concílio Vaticano II (1962-1965), o qual procurou refletir a missão eclesial exercida nas mais diversas sociedades, tem reconhecido a importância de adaptar a mensagem do Evangelho às diferentes realidades.

O objetivo desse processo é senão promover uma vivência da fé que respeite e dialogue com as tradições e expressões culturais locais. A correta contextualização do Evangelho permite que as tradições e expressões culturais de um povo sejam preservadas e valorizadas evitando assim o anacronismo. Ao adaptar a mensagem às especificidades de uma determinada cultura, a Igreja reconhece a importância da identidade cultural na vivência da fé, e sem julgamento, oferece as condições de conversão ou de adequação. Isso fortalece o ânimo e o senso de pertencimento ao Povo de Deus, permitindo que este se aproxime de Deus por meio de suas próprias tradições e valores culturais.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo mostrar a noção de inculturação e a sua importância para a missão evangelizadora no pensamento do teólogo belga, radicado no

[1] Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin – PUC/SP. E-mail: afrezzato@gmail.com

Brasil, José Comblin. Tal teólogo foi um dos que mais se dedicou ao aprofundamento da eclesiologia do Povo de Deus e sua contribuição é assaz importante para a leitura dos sinais dos tempos em que a Igreja está imersa. Para tanto, revisitaremos suas obras, especificamente aquelas que fazem alusão à temática da inculturação e sua implicação na ação evangelizadora da Igreja.

CONCEITUAÇÃO DE INCULTURAÇÃO E IMPORTÂNCIA ANTE À EVANGELIZAÇÃO DO POVO DE DEUS

No livro *O povo de Deus*, é possível resgatar a compreensão que José Comblin tem a respeito da inculturação. Para ele, se trata de um ao processo de diálogo entre a mensagem do Evangelho e as culturas locais, buscando a adaptação e a assimilação das práticas e símbolos religiosos dentro de uma determinada realidade cultural. É um elemento vital na evangelização, pois permite que a mensagem cristã seja expressa de maneira autêntica e relevante para o contexto cultural específico (Cf. COMBLIN, 2002, p. 282).

Para tornar mais precisa sua ideia, o teólogo recorre a noção de Igreja compreendida como Povo de Deus. O Povo de Deus "vive no meio dos outros povos" (COMBLIN, 2002, p. 282) e é semelhante a todos os outros em seu desenvolvimento histórico-cultural. Por ter uma identidade diferenciada, espiritualmente solidificada, é diferente de todos os outros povos na sua visibilidade e na sua realização humana. Mas isso não quer dizer que não se utiliza de um elemento primordial e comum à formação de qualquer nação, ou seja, de uma determinada cultura.

A identidade sobrenatural do Povo de Deus não faz anular sua identidade humana formada pelas mais diversas pessoas e cultura (Cf. COMBLIN, 2022, p. 83). Cultura, aqui, entendida como toda produção original de um povo que guarda sua memória e afirma sua identidade. O esforço em perceber que a missão da pregação do Evangelho e da vivência dos Sacramentos precisa ser realizada levando em conta modo como as pessoas entendem a si mesmas - *antropologia* - e como compreendem seu mundo - *cosmologia* - oferece atratividade à proposta de conversão, libertando ação evangelizadora do exercício errôneo do anacronismo que julga uma determinada cultura superior a outra. Se se aposta no anacronismo, desdobra-se disso, o exercício de poder, tentativas de colonização e imposição cultural. Fatos nada incomuns na história eclesial.

A tarefa da inculturação do Evangelho não é nada fácil e em relação à temática se tem mais perguntas do que respostas. O Concílio Vaticano II propiciou a abertura no campo da especulação teológica mas, escreve Comblin, foi somente no Sínodo de 1975 em que se discutiu mais amplamente a importância para evangelização a dinâmica da inculturação (Cf. COMBLIN, 2002, p. 285). Os trabalhos de tal assembleia estão substancialmente tratados pelo Papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* ao absorver a temática da

complexidade da realidade histórico-humana e os problemas oriundo das diversas culturas (Cf. LIBÂNIO, 1975, p. 117).

O pensamento de Comblin aponta a existência de dois sentidos para a compreensão da inculturação. Para ele o primeiro significado mostra que a Igreja "transforma todas as culturas para integrá-la em seu sistema ou, ao menos mudá-las, de tal modo que sejam compatíveis com a cultura atual da Igreja" (COMBLIN, 2002, p. 285); por segundo, significa que ela se "transforma para se tornar compreensível e aceitável pelos povos que pretende evangelizar" (COMBLIN, 2002, p. 285). Sob análise, os dois sentidos não são contraditórios, mas, complementares. No entanto, tal razão pode ser aceita no campo da reflexão. Agora, do ponto de vista da prática, a harmonia entre elas não são tão fácil de ser praticada quando não se tornam rivais.

É patente nos documentos eclesiais a preponderância em relação ao primeiro sentido. Uma grande parte deles explicitam a vocação eclesial de que a Igreja é chamada a transformar as culturas. Do ponto de vista da realização da missão, dentro dos movimento missionários, parece ser mais contundente a necessidade de que a evangelização necessita primeiramente procurar os elementos culturais próprios com os quais possa se aproximar e dialogar (Cf. COMBLIN, 2002, p. 285). No processo evangelizador da América Latina se pode perceber ambas as posturas: uma, a imposição da cultura europeia na qual se centralizou por muitos séculos a vida eclesial, tantas vezes sectária e violenta, e outra, o movimento de aproximação dos povos para a apresentação da religião e a proposta da conversão, mais próxima e elástica.

Para Comblin, quando o processo de inculturação permite aproximação são produzidos muitos frutos para a Igreja, exemplificado na na existência de vários ritos dentro da Igreja. A variação dos ritos – romano, ambrosiano, alexandrino, armênico, bizantino, copta, maronita, torna explícita algum tipo de sucesso na tarefa de evangelizar o Povo de Deus que de todo modo assegurou a identidade cultural de determinado povo. Ocorre que poderia haver muitos outros a mostrar a pluralidade da Igreja constituída por inúmeros povos (Cf. COMBLIN, 2002, p. 304).

Na América Latina, a pregação do Evangelho não produziu uma inculturação mas uma justaposição de duas religiões. O cristianismo propôs uma substituição dos deuses indígenas pelos santos católicos e cada um destes foram assumindo a manifestação dos poderes dos deuses indígenas como a inovação dos santos para a proteção contra os eventos naturais danosos, como as tempestades. Além disso, transformaram as festas politeístas dos povos latinos, nas festas católicas populares, como as festas de Santo Antonio, São João, São Sebastião, Cosme e Damião (Cf. COMBLIN, 2002, p. 305) .

Todavia, "evangelização é outra coisa totalmente diferente, algo diferente da inculturação, embora esta seja uma consequência da evangelização" (COMBLIN, 2002, p. 305). A mensagem de Jesus não se baseia nas manifestações festivas e na centralidade do culto dos

santos até porque este último se trata de uma estrutura ritual posterior. A mensagem de Jesus é desenvolvida a partir da vida "ordinária do povo, no amor ao próximo, no atendimento aos pobres, aos doentes, às crianças" (COMBLIN, 2002, p. 305). A vivência do Evangelho se identifica mais com o compromisso com Deus e com o próximo procurando ofertar a vida e a liberdade aos povos. Quando a Igreja torna claro que sua missão é levar vida e liberdade em nome de Jesus consegue mais capilaridade frente ao outro e força de convencimento.

A inculturação para a evangelização no pensamento de Comblin é senão a integração entre o cristianismo e outra religião. Essa integração não é realizada por meio dos decretos curiais, mas sim pelo próprio povo que recebe a proposta do Evangelho (COMBLIN, 2002, p. 306). Desse modo dão duas as forças que movem o processo correto de inculturação: o respeito a todos os povos e a não diminuição da amplitude do Evangelho. Este processo é imprevisível, não pode ser regulado com grandes projetos e métodos pastorais, uma vez que nenhum projeto é capaz de abarcar a totalidade de uma cultura.

A simbiose que promove a inculturação deve ser um itinerário longo de aproximação e diálogo. Como consequência é possível promover uma fraterna convivência da presença da Igreja nas culturas dos povos (Cf. COMBLIN, 2002, p. 306) . Nesse sentido, a imprevisibilidade é condição humana, mas o processo é guiado e orientado pela ação do Espírito Santo. Na manifestação em Pentecostes (Cf At 2,1-11) foi dito que cada um ouvia os apóstolos a falar em sua própria língua. Se a interpretação do trecho pode ser realizado destacando que a condição para que a linguagem entendida possa ser baseada na linguagem do amor e da vida, fica mais claro ainda que a tarefa da missão evangelizadora, para ser compreendida pelos povos, deve ser pautada na linguagem do amor de Deus.

Não se pode esquecer que a cultura pode ser utilizada como um instrumental para exercer uma dominação. Cultura da agressão, da divisão, da ruptura, ou como afirmou o Papa Francisco, cultura do descarte como "uma agressão à humanidade" (FRANCISCO, 2002, p.1) Uma das formas de dominação cultural é a dos ricos que aprisionam os pobres e não lhes dá condições de vida digna (COMBLIN, 1996, p. 117). A Igreja de tantos modos deve libertar-se da tentação de se somar a esta tipologia cultural sectária e mortífera. A missão evangelizadora do Povo de Deus não está a servido de nenhuma cultura, mas tão somente à serviço do Evangelho.

A necessidade da convivência entre o Evangelho e a cultura é um exercício primordial. Quem exerce a tarefa de evangelizar deve despojar-se de preconceitos e de uma educação ocidentalmente impositiva para estar aberta a aprender com o outro para lhe propor caminhos. "O objetivo é conviver para ver se consegue comunicar o Evangelho à alma de uma cultura de um povo" (COMBLIN, 2002, p. 309). Do contrário, o Povo de Deus não receberia nada dos povos, careceria de uma certa atualização que não pode ser feita somente por meio da letra do Evangelho, mas especialmente com a vida do Evangelho.

PALAVRAS FINAIS

A inculturação entendida como um conjunto de relacionamento entre o Povo de Deus e os povos, religiões e as culturas é complexo (COMBLIN, 2002, p. 308). A complexidade se dá porque a tarefa evangelizadora não consegue abarcar todas os elementos culturas. A perspectiva de Comblin enfatiza a necessidade de valorizar e respeitar a cultura local como um ponto de partida para a evangelização. Ele acreditava que a tradição cultural de um povo contém elementos positivos que podem ser redimidos e integrados à fé cristã, promovendo assim uma experiência de encontro e diálogo com Deus.

A inculturação envolve a contextualização da mensagem cristã para torná-la compreensível e relevante para as pessoas de uma determinada cultura. Isso requer uma abordagem que leve em consideração as tradições, valores e necessidades específicas do contexto cultural em questão. A mensagem do Evangelho deve ser apresentada de maneira a tocar as pessoas em suas realidades concretas, abordando seus desafios e esperanças. A grande pergunta que deve ser respondida em todo processo evangelizador é: o que a Igreja pode oferecer e ao mesmo tempo receber dos povos? A resposta não está sendo dada, mas construída.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, J. As aporias da inculturação (I). In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 56, n. 223, p. 664–684, 1996. Disponível em: https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2515. Acesso em: 31 mai. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Papa: cultura do descarte é um atentado contra a humanidade. ONU seja oficina de paz.* In. Vatican News. Reportagem de Bianca Fraccalvieri, data de 25 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-09/papa-francisco-videomensagem-assembleia-geral. Acesso em 31 de mai. 2023.

LIBÂNIO, João Batista. O Sínodo de 1974. In. *Revista Síntese*. vol. 2. n.3, 1975. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view. Acesso em 29 mai. 2023.